



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**AFROMODERNISMO, CINEMA E ANTONIO PITANGA:  
UMA NARRATIVA NEGRA**

Adriano Denovac<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta proposta tem como origem parte da tese que desenvolvo no PPGH/UDESC. O sujeito central de pesquisa é o ator brasileiro Antônio Pitanga e como fontes: filmes, entrevistas e outras produções construídas a partir da experiência do sujeito que tentarei escutar, dialogar, narrar e articular com o constructo histórico a partir do tempo presente. Para a análise, evoco alguns filmes importantes na carreira de Pitanga e que são emblemáticos no arco temporal que analiso (1963-2017), entrecruzando as temáticas e as personagens do ator nos filmes. Tal movimento contribui para pensar e apontar eventuais problemas de pesquisa na elaboração da tese. Os filmes que serão analisados e articulados a partir do presente recente do ator são: Pitanga (2017), Quilombo (1986), Barravento (1969), Esse Mundo é Meu (1964), Ganga Zumba (1963). Análise fílmica é um método potente, pois os filmes são documentos de base para historiadoras (es) do presente (LAGNY, 2012). Essa análise tem como um de seus objetivos pensar as narrativas acerca de negras, negros e o racismo no Brasil, articulado com a constituição de uma vida, de uma caminhada em relação ao social, ao político e a história, em um diálogo teórico com a ideia de pensamento Afromoderno (MBEMBE, 2013) e Afropolitanismo (MBEMBE, 2005) do historiador e filósofo camaronês Achille Mbembe.

**Palavras-chave:** Antonio Pitanga, cinema, Afromodernismo.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como origem parte da discussão que desenvolvo na minha tese no PPGH/UDESC. O sujeito central de pesquisa é o ator brasileiro Antônio Pitanga e como fontes: filmes, entrevistas e outras produções construídas a partir da experiência do sujeito que tentarei escutar, dialogar, narrar e articular com o constructo histórico a partir do tempo presente. Para a análise, evoco alguns filmes importantes na carreira de Pitanga e que são emblemáticos no arco temporal que analiso (1963-2017), entrecruzando as temáticas e as personagens do ator nos filmes. Tal movimento contribui para pensar e apontar eventuais

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós Graduação em História da UDESC, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Mortari e vinculado ao AYA Laboratório de estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. denovac@gmail.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



problemas de pesquisa na elaboração da tese. Os filmes que serão analisados e articulados a partir do presente recente do ator são: Pitanga (2017), Quilombo (1986), Barravento (1969), Esse Mundo é Meu (1964), Ganga Zumba (1963), para este artigo trarei aspectos do filme mais recente Pitanga (2017), que farei um breve apanhado mais adiante.

Análise fílmica é um método potente, pois os filmes são documentos de base para historiadoras (es) do presente (LAGNY,2012). Essa análise tem como um de seus objetivos pensar as narrativas acerca de negras, negros e o racismo no Brasil, articulado com a constituição de uma vida, de uma caminhada em relação ao social, ao político e a história, em um diálogo teórico com a ideia de pensamento Afromoderno (MBEMBE, 2013).

O cinema é um potencial objeto de análise e construção do discurso histórico, levando em consideração a perspectiva que se pode contra analisar a sociedade, “revelar o seu avesso” através de um filme (FERRO,2010). Por tratar-se de um fenômeno de massas, o cinema pode ser analisado visando evidenciar a construção dos mais variados discursos, ideias, conceitos, estereótipos, pré-conceitos, pois lida com o imaginário e articula essa experiência no presente de uma pessoa ou de uma sociedade que vê e experimenta os filmes. Nesse sentido, a presente proposta de comunicação busca, a partir da análise fílmica do ator afrobrasileiro Antonio Pitanga, pensar o discurso elaborado sobre mulheres e homens, negras e negros, no cinema, pensando em que medida se deu a atuação de Pitanga no cinema brasileiro, seu posicionamento político, suas contribuições e debates sobre a luta antirracista.

Antônio Pitanga nasceu em 1939 em Salvador, estudou arte dramática na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem mais de 50 longas metragens em sua carreira, seu primeiro filme foi em 1960 no longa de Trigueirinho Neto, *Bahia de Todos os Santos*. A carreira do artista está associada a história do cinema novo e marca de maneira indefectível a presença do negro no cinema brasileiro e mundial. Protagonizou *Barravento* (1962) dirigido por Glauber Rocha e no mesmo ano coestrelou outra obra clássica do diretor Nelson Pereira dos Santos: *O Pagador de Promessas* (1962). Os dois filmes fazem parte do início do movimento cinemanovista (1956 – 1972), que se caracterizava pela crítica social e se constituiu em uma das correntes mais politizadas do cinema no século XX e colocou o cinema brasileiro no cenário mundial. Pitanga foi um dos atores mais atuantes desse movimento, ele trabalhou em 28 produções entre 1960 e 1972. Ele se declara “o único negro desse conjunto do Cinema Novo, “pensando igualmente que nem eles, os brancos”.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



(PITANGA, 2017), comenta demonstrando seu lugar como pensante no movimento, e denotando sua experiência como homem negro ocupando espaço de prestígio e visibilidade, algo raro no período histórico em questão.

O pesquisador de cinema João Calos Rodrigues, afirma que, as representações dos afrodescendentes partem de um escopo único que “provém da imaginação do branco, forjada por medo, solidariedade, amor ou ódio (...) muitos desses tipos são oriundos do tempo da escravidão, outros estão ainda hoje em formação no inconsciente coletivo...” (RODRIGUES, 2011, p. 22).

A classificação apresentada pelo autor permite que possamos observar a constituição de alguns tipos representados por Pitanga e sua relação com o imaginário cinematográfico, “na ficção brasileira, no cinema ou fora dela, todos os personagens negros pertencem a uma das classificações a seguir, ou são uma mistura de várias delas” (RODRIGUES, 2011, p. 22) que seriam: “pretos velhos”, “mãe preta”, “mártir”, “negro de alma branca”, “nobre selvagem”, “negro revoltado”, “negão”, “malandro”, “favelado”, “crioulo doido”, “mulata boazuda”, “musa” e mais recentemente o tipo “afro-bahiano”. Diversos desses “tipos” fazem parte das personagens vividas por Pitanga ao longo de toda a sua carreira.

A tese que tento construir, e agora comunico uma parte aqui, está na relação dele também comigo, pelo fato de ser um homem negro em espaço de destaque, é como se ele fosse um espelho que reflete possibilidades, para quem consegue mira-lo. Já para as pessoas brancas, isso talvez não seja perceptível, pois o ser branco pode ser o que quiser, ser uma pessoa branca em outras palavras, também significa não ter que se pensar como humano porque ele simplesmente o é. Isso se dá entre outros aspectos graças a colonialidade do ser, ou seja, o resultado do impacto do longo processo colonial nas linguagens, na construção das subjetividades, que detonou as subjetividades indígenas e negras na América Latina e em todas as partes do globo em que processo colonial eurocentrado foi aplicado, construindo a ideia de uma inferioridade natural dessas populações. Parte do resultado disso no tempo presente está nos manicômios, nas cadeias, nos cemitérios, nas favelas, dentro de mim, e dentro de você que lê essa tese, se é uma pessoa negra: o direito de ser nos foi historicamente negado.

[...] del “yo pienso, luego soy” somos llevados a la noción más compleja, pero a la vez más precisa, histórica y filosóficamente: “yo pienso (outros no piensan o no piensan adecuadamente), luego soy (outros no son, están



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



desprovistos de ser, no deben existir o son dispensables) [...] En el contexto de un paradigma que privilegia el conocimiento, la descalificación epistémica se convierte em um instrumento privilegiado de la negación ontológica o de la sub-alterización” (MALDONADO, Torres, 2007, p. 144-145).

A partir do meu presente e com as ferramentas reflexivas que possuo, faço a inferência de que é na chave da descolonização do ser que Antônio Pitanga entra na minha vida, pois ele elabora uma possibilidade de desconstrução dessa ideia de inferioridade. Através de seu trabalho, da forma como ele representa, desse negro que mesmo em um papel subalterno, consegue corromper o estereótipo que a imagem produz, através de seu corpo e de sua forma de representar, hoje reconheço melhor a sensação que ele me causava quando via seus filmes na infância. Considero importante, nesse primeiro momento, me colocar na relação, marcar meu encontro com ele, uma vez que minha tese está sendo construída no diálogo entre dois homens pretos, na perspectiva de pensar as pessoas negras em movimento não só no passado evocado por nossas memórias, mas entender esse movimento no tempo presente.

### **AFROMODERNISMO OU PENSAMENTO AFROMODERNO**

“Sentirpensar” o presente herdeiro de um passado que contém também as experiências de Pitanga. Notadamente esse trabalho “se interessa por um presente que é o seu, em um contexto em que o passado não está nem acabado, nem encerrado, em que o sujeito da sua narração é um “ainda aí” (ROUSSO, 2016, p.18). E nesse sentido é importante entender como a trama histórica de Pitanga se articula, mas a partir do locus de enunciação dele, que é muito mais que sua trajetória de vida. Afirmar o locus de enunciação significa ir na contramão dos paradigmas eurocêntricos hegemônicos que, mesmo falando de uma localização particular, assumiram-se como universais, desinteressados e não situados.

“O locus de enunciação não é marcado unicamente por nossa localização geopolítica dentro do sistema mundial moderno/colonial, mas é também marcado pelas hierarquias raciais, de classe, gênero, sexuais etc. que incidem sobre o corpo”. (COSTA; GROSGOUEL, 2016), Então a proposta aqui não é uma ponte com o passado, mas um presente aberto repleto desses passados, no aqui e agora, no entendimento de que na forja das histórias Antônio Pitanga produz narrativas. Portanto a ideia não é construir a biografia histórica de Antônio Pitanga, assim como essa também não é a perspectiva da filmografia que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



será discutida, mas sim pensar a partir de diversas fontes e dentro de um recorte histórico a experiência de um indivíduo em relação a dinâmica estrutural, social, econômica, cultural etc.

Pitanga atravessa momentos importantes na história do Brasil, e tomarei como partida o filme mais recente: *Pitanga* (2017), onde o ator a partir do presente, articulando memória, esquecimento, dores, afetos, lutas, parcerias e imagens de arquivo remonta sua experiência no mundo. É o giro do olhar a partir do presente, o que faz do discurso dele apontamentos sobre o presente e não exatamente sobre o passado evocado no filme (FERRO, 2010) que expressam a luta antirracista. É a partir desta ideia que podemos tentar entender esse “negro em movimento”, que cria no tempo suas redes e, entre elas, a com homens e mulheres negras. Essa pessoa em movimento constitui um pensamento movimento, algo que de alguma forma antecipa, prevê, dialoga ou pode não ter conexão alguma com o pensamento afro-moderno discutido por Achille Mbembe (MBEMBE, 2013, p. 71). O autor constrói uma discussão sobre o nascimento de um pensamento mundo (MBEMBE, 2013, p. 64), apontando aspectos em sua análise sobre o desenvolvimento do pensamento pós-colonial no tempo afirmando que “ao longo das décadas de 80/90 do século XX começa a operar-se uma convergência entre o pensamento pós-colonial, por um lado, e muitas outras correntes, e as genealogias particulares por outro” (MBEMBE, 2013, p. 65). Uma das correntes que o autor se refere é o pensamento afro-moderno, no qual percebo tangências, conexões, semelhanças com a experiência e pensamento de Antônio Pitanga.

Por outro lado, existe um pensamento afro-moderno que se desenvolve na periferia do Atlântico e que, aliás toma essa formação oceânica como a própria unidade da sua análise (...). A sua preocupação central reside na reescrita das múltiplas histórias da modernidade enquanto encruzilhada de fatos de raça e de fatores de classe. Nesse âmbito, esse pensamento afro-moderno interessa-se tanto pelas questões das diásporas quanto dos procedimentos através dos quais os indivíduos são submetidos a categorias infamantes, que lhes barram qualquer via de acesso ao estatuto de sujeitos na história. (MBEMBE, 2013, p. 64)

Ao se colocar no presente como um “capoeirista mental e da vida”, “um negro em movimento”, alguém que vive no “contra-golpe” (PITANGA, 2017). Essa chave de palavras utilizadas pelo ator para se definir estão na relação com a experiência dele no tempo, e é no presente que ele evoca esse movimento, que executou a vida toda e segue executando.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



16 de julho de 2017, uma sexta-feira, manhã de sol no Rio de Janeiro, largo da carioca, edifício Uruguaiana, Gangazumba. Pela primeira vez estive diante do ator não mais pela tela, mas ali, vivo, me olhando, todo de branco (Epa Babá), Naquele dia, tive a oportunidade de entrevistá-lo pela primeira vez e conversamos entre outras coisas sobre cinema, racismo e o filme Pitanga (2017), que tinha estreado há três meses (6/04/2017). Ao perguntar sobre a narrativa misturada com a História que havia no filme, ele deu uma resposta que me fez pensar nessa tese. Pitanga, naquele momento, abriu o presente, estendeu o arco do passado em uma elipse de tempo. E deu uma resposta repleta de significados outros que transcrevo abaixo:

Para você entender todo esse movimento, em “Pitanga”, quando eu falo: “não sou um negro. Eu sou um negro em movimento. Eu não sou do movimento negro, sou um negro em movimento. Não tenho amarras”, né, eu não tenho um garrote, não tenho, quer dizer, quero ter essas asas, esse direito de dizer: vou por aqui ou vou por ali. Você está entendendo? Então, acho que a gente deve muito a nós mesmos, entender a nossa formação. Você, como um professor, como um historiador, que, claro, não tenho um alto conhecimento que você tem, pedagógico, mas tenho na vida. Na universidade da vida. E eu entendi desde cedo, né? Minha mãe foi empregada e não tinha salário. Era neta de escravo. E foi empregada de branco. Eu não odeio os brancos. Você está entendendo? Então, qual é o meu papel, qual é a minha parte nesse latifúndio? Liberdade não se dá, liberdade se conquista. A gente não conquistou uma liberdade, de repente, você está livre. Então, você arrou a terra, você criou seus filhos, criou os filhos, deu peito para a criança branca, e, de repente, você sai com uma mão atrás, outra na frente. Que consciência, a partir daí, você não vai ficar choramingando e vai criar condição, como eu criei, como você criou. Está entendendo? (PITANGA, 01:06:00. 2017).

Essa profusão de informações e tempos na fala do ator foram os primeiros elementos para pensar a minha tese na intersecção com outras fontes. Assim, faço a inferência da tese: Antônio Pitanga constrói um sistema mundo de ser e pensar na sua relação no tempo com a vida, com e no cinema produzindo um pensamento, uma episteme<sup>2</sup>. A hipótese é que o autor estabelece uma forma de luta muito específica contra o racismo pois parece ter entendido este de uma forma diferente e ao narrar a si no presente está escrevendo a história através da memória ancorada em seu corpo negro que se desloca todo o tempo, que toma o papel da representação fílmica dos negros em um contexto de invisibilidade. Essa tese, portanto, gira

---

<sup>2</sup> Nesse trabalho o tempo significa, múltiplas possibilidades de ser e pensar o mundo, não tem somente a conotação de “pensamento científico” cartesiano, moderno e ocidental, mas que todo e qualquer pensamento tem a sua “ciência”, o que me interessa está para fora dos muros do pretenso saber.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



em torno da vida e da experiência na construção de um pensamento e de uma narrativa no sentipensar Antônio Pitanga como uma pessoa que se constitui nas encruzilhadas da vida, do racismo etc. No contragolpe da capoeira ele se movimenta, entre e para além, se movimenta no tempo, ele abre caminhos: é Exú, laroye!

A tese tem como base os diálogos estabelecidos com intelectuais dos campos de estudos Pós-Coloniais e Decoloniais e neste em especial na perspectiva do pensamento afro-brasileiro/afrodiaspórico. Em sua trajetória cinematográfica, Pitanga segundo a hipótese desse trabalho, rompe com o sentido colonial da presença e da representação negra no cinema e isso se dá, também, através de uma elaboração estética com propostas de sensibilidades múltiplas, que permite uma problematização sobre o papel de um cinema com perspectivas decoloniais<sup>3</sup>. Aqui, o sentido atribuído a esta afirmação está pautado na proposta de uma descolonização estética e na possibilidade de provocar a construção de subjetividades descolonizadas e, na minha perspectiva, o trabalho de representação do ator é uma contribuição decolonial importante no tempo presente. Neste sentido, o trabalho se insere também no campo da História do Tempo Presente (HTP) pois como dito anteriormente é o presente aberto por Pitanga de forma que a sua história não acaba e não se resume na experiência pregressa mas, certamente se articula com o presente, que também é aberto e inconcluso.

Na percepção da tese essa dinâmica teórica estabelece acuidade na produção do discurso historiográfico e nesse diálogo entre tempos os filmes são como documentos privilegiados para pensar possíveis interconexões com outros tempos simultâneos que são bases da experiência humana. É nesse presente aberto, em contexto de apagamento, colonizado e sintomático que buscamos entender o sentipensar e ação concreta de Antônio Pitanga no mundo e na luta contra opressão.

### **PITANGA (2017) O FILME**

O documentário é uma narrativa compartilhada e vista por diversos ângulos, sobretudo porque os entrevistados e entrevistadas do filme representam uma parcela dos nomes mais importantes da cultura brasileira em várias áreas, tais como Zezé Motta, Martinho da Vila,

---

<sup>3</sup> Na minha compreensão não existe um cinema decolonial, mas sim filmes, que questionam e denunciam na chave da descolonização, que dialogam com as bases do campo decolonial. Estética e pensamento colonial será discutido de forma mais atenta no terceiro capítulo dessa tese.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Gilberto Gil, Elisa Lucinda, Rocco Pitanga, a grande Ruth de Souza, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Ziraldo, Paulinho da Viola, Camila Pitanga, Benedita da Silva, isso pra citar só alguns, a lista de estrelas da arte é grande.

O filme documentário é também um discurso sobre ele a partir desse olhar outro, olhares plurais sobre esse homem negro, que sabe que é preciso vencer o racismo todo o dia, que sempre soube se esquivar da estrutura opressora, ele se define como um capoeirista da vida e diz estar sempre no contra-golpe (PITANGA, 2017). Ao retomar essas perspectivas no presente, ele dá pistas que sempre tentou romper com o sentido colonial da representação dos negros no cinema.

Abrindo o filme na chave do tempo relacional, isto é: o tempo presente, esse rol de pessoas importantes falando sobre sua carreira e experiências, dão conta de uma carreira brilhante, de um grande ator o que de fato é verdade, entretanto, se pensarmos que ele está no contragolpe, pesando um sentido não colonial para a presença do negro a estrutura narrativa do filme documentário também quer demonstrar o poder dessa pessoa negra, o emblema que ela constrói. Poder e reconhecimento, algo muito importante no esforço de desconstruir a ideia colonial/racista de que pessoa preta é igual a inferior, fora da categoria de pessoa e na chave da coisa, ao propor isso o filme envia uma mensagem direta para a população negra a ideia de sucesso, que para a branquitude é diferente.

O sucesso que o filme evoca para a negritude não é o sucesso das celebridades, das luzes, das “caras e bocas e bundas” nas capas das revistas, do sistema comercial de estrelas descartáveis que Hollywood importou para o mundo como entretenimento e como forma de manutenção do sistema colonial/capitalista de dominação, fora desse espectro a ideia de sucesso no filme pode ser lida de outra forma.

Sucesso (...) é algo ainda mais consistente e profundo. É o reflexo social que a realização pessoal de algumas personalidades podem ter, ou seja, metas individuais, particulares, ao serem atingidas, podem transformar-se numa satisfação compartilhada e coletivamente servir de exemplo para a comunidade em geral. (MACEDO, FAUSTINO, 2000, p. 15).

Na abertura o documentário *Pitanga* faz uma referência a *Barravento* de Glauber Rocha, filme em que sua personagem está inspirada em Exu, ele desorganiza a ordem de uma comunidade de pescadores de tradição religiosa afro-brasileira, existe uma tensão da religião



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



como “ópio” e o sentido real que ela tem sobre a comunidade o ponto transversal é o racismo/capitalismo, essa é a ponte fílmica para as memórias, familiares, a ligação de Pitanga com a cultura, com as religiões de afro-brasileiras, com a Bahia, o cinema e o teatro. O filme faz uma referência direta ao TEN – Teatro Experimental do Negro, mostrando um trecho de O Rito do Nascimento 15, interpretado pela Companhia dos Prazeres e Companhia Mistérios e Novidades, em um trecho da cena de representação teatral uma personagem diz: “Não nasci para ser acorrentado em poste, eu sou o teatro experimental do negro, ontem e hoje marginal, hoje e amanhã eu sou um ator profissional” (PITANGA, 2017 - 00:07:00 – 00:07:34).

Nesse ponto do filme, ou seja logo no começo, observo que a obra já aponta para algo no sentido da nossa discussão, ou seja os elementos para pensar e produzir uma presença descolonizada da negritude no cinema, já está em sua formação por conta da influência do TEN na formação de Pitanga, existe uma preocupação com o fim de uma representação colonial dos negros e negras no cinema que notadamente é reforçado a partir também das narrativas cinematográficas o racismo estrutural até o tempo presente.

Pitanga representou os mais diversos tipos ao longo de sua carreira, o autor João Carlos Rodrigues na obra *O Negro Brasileiro e o Cinema*, apresenta alguns estereótipos fílmicos, que “provém da imaginação do branco, forjada por medo, solidariedade, amor ou ódio (...) muitos desses tipos são oriundos do tempo da escravidão, outros estão ainda hoje em formação no inconsciente coletivo do brasileiro.” (RODRIGUES, 2011, p. 22).

A classificação apresentada pelo autor permite que possamos observar a constituição de alguns tipos representados por Pitanga e sua relação com o imaginário cinematográfico, “na ficção brasileira, no cinema ou fora dela, todos os personagens negros pertencem a uma das classificações a seguir, ou são uma mistura de várias delas” (RODRIGUES, 2011, p. 22) que seriam: “pretos velhos”, “mãe preta”, “mártir”, “negro de alma branca”, “nobre selvagem”, “negro revoltado”, “negão”, “malandro”, “favelado”, “crioulo doido”, “mulata boazuda”, “musa” e mais recentemente o tipo “afro-bahiano”.

Diversos tipos apresentados na classificação de João Carlos Rodrigues fazem parte das personagens vividas por Pitanga ao longo de toda a sua carreira, Pitanga luta para romper com esses elementos que estereotipam nossa presença no mundo, e por toda sua trajetória ele sabe que esses modelos estão conectados com o fato de não haver muitos modelos de representação de negros em que o próprio ator pudesse se inspirar, sua fonte



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



quase sempre provinha do cinema branco.

Onde buscar um estilo próprio para uma interpretação descolonizada, se não existe uma tradição teatral desde a dissolução do Teatro Experimental do Negro lá pela segunda metade da década de 50? Podem as manifestações folclóricas (...) enriquecer essa procura ou já estão igualmente saturadas dos vícios que se pretende combater? Estarão as plateias negras rejeitando a falta de realismo, ou, pelo contrário, o seu excesso, repudiando a si mesmas, como cuspiendo num espelho? (RODRIGUES, 2011, p. 150).

A provocação feita pelo autor é absolutamente pertinente, e precisa ser lançada sobre a carreira cinematográfica de Antônio Pitanga, pois não parece haver um “estilo próprio para uma interpretação descolonizada”, como desejava Abdias do Nascimento (1914 – 2011), importante intelectual negro brasileiro, que fundou o Teatro Experimental do Negro - TEN em 1944, após estar na prisão onde também desenvolveu teatro com os presidiários. A trajetória de Abdias e sua luta política, sua relação com o Pan-africanismo influenciaram Pitanga, ele confessa isso na entrevista que nos foi concedida em 2017.

É fator importante dizer também da influência do Teatro Experimental do Negro no Cinema Novo, em *Barravento* (1962), podemos constatar tais influências, notadamente na interpretação de Pitanga, ele gera uma tensão que força a desconstrução dos estereótipos elencados por João Carlos Rodrigues. Aqui trago novamente a ideia da construção de uma presença descolonizada, ancorada na ideia de Frantz Fanon que Pitanga e Abdias tiveram acesso, nessa chave percebo que é uma interpretação que busca destruir o colono no interior do filme e no interior da platéia negra.

A violência que presidiu o arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, demoliu sem restrições os sistemas de referência da economia, os modos de aparência, indumentária, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos, a massa colonial irrompera nas cidades proibidas. (FANON, 2005, p. 57).

Destaco que na perspectiva desse trabalho que o negro em movimento que Pitanga é, se constitui no movimento de provocar o rompimento com uma estética opressora e colonial e mais que isso possibilitar que através do ato de ver um filme, produza um estalo de consciência de si e do coletivo, esse momento em que parafraseando Fanon: a massa negra



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



irrompa nas cidades proibidas. Fantástica, potente e revolucionária visão de Frantz Fanon, e que segundo meu ponto de vista Pitanga incorporou nos seus modos de ser e representar.

Esse texto foi uma tentativa de propor algumas reflexões é uma narrativa polissêmica de maneira que podemos ver e ler infinitas possibilidades, trouxe aqui somente alguns aspectos como forma de propor uma reflexão sobre um cinema que busque de fato um rompimento com a estrutura racista especificamente a brasileira. A partir de uma experiência de sucesso pautada na percepção dos processos opressivos e na constituição de uma forma de luta, que pode ser tomada como partida para as pessoas negras em movimento no presente em que vivemos, esse é um dos papéis da história e do cinema. Salve Antônio Pitanga, salve a cultura negra brasileira. Axé.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Bernardino Joaze. GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra.** Sociedade e Estado: revista do departamento de sociologia da Universidade de Brasília, vol.31 Brasília Jan./Abr. 2016.

FANON, Frantz. Sobre a violência. In: **Os Condenados da Terra.** 1ª reimpressão. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LAGNY, Michèle. **Imagens áudio visuais e História do Tempo Presente.** Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v.4 n.1, p. 23-44, Jan/junho 2012.

MACEDO, Aroldo; FAUSTINO, Oswaldo. **A Cor do Sucesso.** São Paulo: Editora Gente, 2000.

MBEMBE, Achille. **O Sair da Grande Noite:** Ensaio sobre a África descolonizada. Portugal: Edições Pedago, 2013.

PITANGA, Antônio. Entrevista Realizada no Projeto **A Câmera Acústica de Sérgio Ricardo.** Rio de Janeiro. 16 de junho de 2017.

PITANGA. Direção: Beto Brandt e Camila Pitanga, 2017. 1 DVD (110min). ntsc. color.

RODRIGUES, Carlos João. **O Negro Brasileiro e o Cinema.** Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

ROUSSO, Henry. **A Última Catástrofe:** a história, o presente o contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.